

## A autoridade da língua\*

Philippe Lacadée

A família, sabe-se disso desde Freud, é o lugar de um “drama psíquico”, no qual “os desdobramentos tão importantes para o ser humano, como são os da repressão sexual e do sexo psíquico”<sup>1</sup>, não se ordenam sem o laço de um discurso estabelecido pela via natural do significante. Assim, ao tomar a palavra nesse discurso estabelecido, o sujeito recebe uma forma de regulação do vivo que agita seu ser, que Lacan nomeava *fallasser*. O gozo do vivo irrompe no corpo ou no pensamento da criança, no qual é acolhido “pelos modos de organização dessa autoridade familiar, as leis de sua transmissão, os conceitos de descendência e parentesco que lhe estão ligados [...]”<sup>2</sup>. A família é, então, o lugar onde se estabelece entre as gerações “uma continuidade psíquica cuja causalidade é de ordem mental”<sup>3</sup>.

### Uma autoridade contraída

Antigamente, quando a família se apoiava no direito de linhagem, na transmissão de bens e na salvaguarda do patrimônio, a autoridade, então, resultava disto: o sujeito conhecia seu pertencimento e se referia a ele. Hoje, essa autoridade familiar se despedaçou, ao ponto de estar, por vezes, em infração relativamente ao Outro da lei sobre a qual se fundava essa transmissão: o círculo familiar é cada vez mais reduzido, o que, segundo Lévi-Strauss, o coloca em posição de ser ao mesmo tempo a condição e a negação da sociedade.

Em 1938, Lacan demonstra como, no seio da família moderna dita conjugal<sup>4</sup>, a questão da autoridade não é mais suportada pela simples “imagem paterna”<sup>5</sup>, que, em declínio social, leva o sujeito em direção a uma “subversão criadora”<sup>6</sup>. Ele afirma, então, que não está “entre os que se afligem com um pretense afrouxamento dos laços

---

\* Texto publicado na revista *La Petite Girafe*, nº 23, Paris: Algalma, junho 2006. P. 7-15.

<sup>1</sup> LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.53.

<sup>2</sup> LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.30.

<sup>3</sup> LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.31.

<sup>4</sup> LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.33.

<sup>5</sup> LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.66.

<sup>6</sup> LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.65.

de família”<sup>7</sup> e abre a via da prudência clínica e ética em relação a todos os mestres cegos que querem, em nome da Lei, restabelecer a autoridade do pai ou da família, desconhecendo, assim, o alcance subjetivo dessa *subversão criadora*.

Segundo ele, um tal declínio está “condicionado por se voltarem contra o indivíduo alguns efeitos extremos do progresso social”<sup>8</sup>, e a questão da autoridade deve ser examinada à altura do que para cada sujeito causa “um sofrimento moderno”<sup>9</sup> naquilo que nós chamamos “o laço *soucial*”<sup>10</sup>.

### **O pequeno Hans ou a autoridade do sintoma**

Já Freud, com o caso do pequeno Hans, valorizou o magistral recurso da criança que, *via* criação de um sintoma fóbico, encontrou um modo de suprir, não a carência simbólica do ambiente, mas a carência do ambiente simbólico. É a carência de estrutura do significante em poder *tudo* dizer para o sujeito, sobre o que faz seu ser do gozo, que caracteriza a entrada do *fallasser* na linguagem, a qual, em troca, o humaniza. Desse encontro com o impossível de dizer, com o furo na língua para o que concerne seu ser, seu sexo e sua existência, o sujeito se encontra com dificuldade de tradução, de onde um ponto de angústia. O neurótico se orienta então em direção a um pai suposto saber um pouco acerca disso e, sobretudo, saber demonstrá-lo. Mas o pequeno Hans mostra que a insuficiência do pai não põe tanto a questão da autoridade quanto aquela da angústia e de seu tratamento, de onde seu recurso à sub-versão criadora, pela via do sintoma. Freud apresenta essa via nestes termos: “nós devemos tomar o partido da mãe”<sup>11</sup>, o que Lacan reformula em uma questão: *O que quer uma mulher?* A partir dessa questão, abre-se uma nova perspectiva ligada à maneira pela qual a criança, como objeto, responde a ela. Não é a aposta feita por Hans que, se crendo sustentado por Freud, não deixará de exigir de seu pai que ele o seja: um pai que dê voz, que saiba encolerizar-se, que seja ciumento e autoritário. Nisso Hans segue o modelo de pai no qual Freud via a solução neurótica da fobia. No momento em que Hans encontra Freud, ele lhe supõe extrair seu saber de um diálogo com aquele que para ele era autoridade. Para essa criança, a autoridade é digna da autoridade escolástica, teológica ou teocrática, é a autoridade primária e

---

<sup>7</sup> LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.66.

<sup>8</sup> LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.66.

<sup>9</sup> Expressão de Arthur Rimbaud.

<sup>10</sup> Expressão de Martine Matteudi Gorrech, em: LACADÉE, Ph. *Le malentendu de l'enfant*. Paris, Ed. Payot Lausanne, 2003, p.384.

<sup>11</sup> LÉGUILL, F. L'heur de l'autorité. *Élucidation*, n.3, Paris, 2002, p.18-21.

absoluta, aquela de Deus. As outras, aquela de seu pai e aquela de Freud, são apenas relíquias. Todavia Hans parece também emprestar a Freud a versão aristotélica da autoridade: Aristóteles justificava, com efeito, a autoridade pela sabedoria, pelo saber<sup>12</sup>. Atribuindo todo seu crédito a essa função, que Lacan irá destacar como de um sujeito suposto saber, Hans funda o lugar do que se tornará a autoridade autêntica de um saber suposto naquilo que diz um sujeito que lhe é desconhecido.

### **A subversão criadora de um mito**

O mito de Édipo é, na vertente da subversão criadora, um suposto saber, depositado desde a tragédia grega na língua comum e do qual Freud se serve para explicar o verdadeiro lugar do “drama psíquico” inconsciente, sobre isso que vem, subitamente, fazer furo na questão da autoridade paterna. A subversão criadora vem assim salvar o pai, e também o filho, do furo no qual eles arriscam perder-se. Ela permite que se abra uma outra cena para a qual o filho poderá endereçar um apelo ao que nele faz autoridade: “Pai, por que me abandonastes?” Assim o sujeito coloca no lugar uma cena fictícia à altura do que pode salvá-lo do lugar deixado vazio — “o círculo queimado na mata das pulsões”<sup>13</sup>, o lugar do indizível — que nenhum pai, a despeito do apelo que o sujeito lhe endereça, não poderá jamais apagar de seu nome: “Pai, não vês que estou queimando?” Lê-se aí o ponto de origem da provocação linguageira de certos jovens de hoje: *provocare* tem função de apelo em torno do que queima em cada um deles.

### **A autoridade no horizonte da castração**

Em *Mal-estar na civilização*, Freud demonstra, com a aparição do supereu, que seria vão apostar em um restabelecimento dos ideais do pai e que, antes, se deveria orientar pelo sintoma e pela castração inerente à influência da cultura sobre o vivo que produz o *fallasser*. O supereu que, desde então, faz “autoridade nova”<sup>14</sup> para um sujeito, não tem nada a ver com a personalidade do pai ou com “sua severidade”<sup>15</sup>, ela é estrutural, não efeito da civilização, mas sobretudo “mal-estar (sintoma) na

---

<sup>12</sup> KOJÈVE, A. La notion de l'autorité. Paris, Ed. N.R.F. Gallimard, 2004, p.50.

<sup>13</sup> LACAN, J.. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998, p.673.

<sup>14</sup> FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p.81-171.

<sup>15</sup> FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p.81-171.

civilização”<sup>16</sup>. O supereu permite considerar “a intenção e a execução como equivalentes”<sup>17</sup>. A criança tem então recurso a essa autoridade intangível que toma ou instaura em si. O eu da criança deve-se acomodar ao triste papel da autoridade assim degradada do pai<sup>18</sup>, e Freud demonstra que o rigor original do supereu é apenas “a própria agressividade do sujeito que retorna contra ele”<sup>19</sup>. O perigo surge somente quando essa autoridade descobre a coisa em jogo, que torna culpável, pouco importa que se tenha cometido o mal ou não, aqui conta somente “a intenção”<sup>20</sup>.

A autoridade autêntica é caso de presença e depende da maneira pela qual a língua foi ofertada ao sujeito: como, em seu laço à família, o gozo, o saber e o objeto *a* foram apresentados?<sup>21</sup> A essa presença responsável do Outro, aquela de estar aí implicado ao título de seu próprio desejo, se acrescenta a parte da invenção da “subversão criadora”, inerente a cada ser humano, pelo simples fato do lugar da língua formulado assim por Lacan: “Eu não digo que o verbo seja criador. Eu digo outra coisa porque minha prática o comporta: eu digo que o verbo é inconsciente, ou seja, mal entendido”<sup>22</sup>.

Não se pode, assim, abordar a autoridade, sem levar em conta a maneira pela qual a língua aporta ao ser humano que o especifica, seja a pulsão de morte como amarração do vivo sexuado à língua que é preexistente a ele e na qual é necessário se inscrever.

### **A criação subversiva de uma figura de retórica**

A criança, no *Fort-Da*, confrontada ao furo que escavam as idas e vindas de sua mãe ao lado do seu leito, inventa um jogo no qual Lacan decifra uma “figura de retórica”<sup>23</sup> que assinala o quanto o que faz autoridade para o sujeito é a entrada na linguagem através de um par significante. Subversão do sujeito que lhe permite, no lugar de desvanecer no furo real do vazio, aparelhar-se pela linguagem com a condição

---

<sup>16</sup> LACAN, J. Televisão. In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.528.

<sup>17</sup> FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p.81-171.

<sup>18</sup> FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p.81-171.

<sup>19</sup> FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p.81-171.

<sup>20</sup> FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p.81-171.

<sup>21</sup> LACAN, J. *O seminário*, livro 16, de um Outro ao outro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2008.

<sup>22</sup> LACAN, J. (1980) Le malentendu. *Ornicar?* N.22-23, Lyre, Paris, Navarin, 1981, p.11-14.

<sup>23</sup> LACAN. Conférence aux Américains, Columbia University, 1º dezembro de 1975, *Scilicet*, n.6/7, Éd.Seuil, 1976, p.47.

de que essa autoridade se funde sobre uma castração como cessação de gozo autenticado: aqui pela perda de um objeto de gozo, o carretel. Se o homem pensa com o seu objeto, isso não se pode constituir sem o recurso de um discurso estabelecido em que seja levado em conta o lugar do objeto indizível que é ele mesmo. A repetição significante mostra também como o sujeito aparelha seu gozo com a linguagem, que, ao mesmo tempo, esconde e revela a maneira pela qual o sujeito se arranja com a pulsão de morte. Esse exemplo magistral lança luz à importância do poder de “ressonâncias da fala”<sup>24</sup>, desse apelo ao Outro da língua, dessa invocação do Outro sempre já lá, apelo veiculando essa alguma coisa sobre a qual se funda a encarnação da autoridade, com a condição de que o sujeito encontre um Outro que saiba acusar recebimento.

### **A recolocação na língua do Outro**

É a partir da história de outra criança, Michel, que não sabe ler nem escrever, e que, fazendo cair seu soldadinho de chumbo, grita de felicidade: “lizmente!”<sup>25</sup>, ao ver que ele não se quebrou, que vai-se avançar na questão de saber o que faz autoridade para um sujeito. Junto de Michel, alguém mais advertido e menos ignorante que a criança que ele era, autorizando-se no que faz autoridade na língua, fez-lhe observar que: “é felizmente” que é necessário dizer se queremos falar como todo mundo.

“A observação põe fim a minha felicidade — deixando-me um breve instante embaraçado — cedo substituindo a alegria por um sentimento curioso no qual é com dificuldade que chego a descobrir a estranheza”<sup>26</sup>. Belo exemplo do que pode ser a castração que impõe a articulação da linguagem: fora do sentido trazido pela palavra isolada, palavra que, ao se articular a uma outra, encontra-se desapossada de uma parte desse valor de gozo.

Michel Leiris acreditava que se dizia *lizmente* quando se estava contente, “palavra empregada por mim até então sem nenhuma consciência de seu sentido real, como interjeição pura”<sup>27</sup>. Depois da intervenção do Outro que ilustra de bela maneira como a linguagem para todo sujeito, faz autoridade, a criança fica embaraçada: para ele, *lizmente* é bem mais expressivo que felizmente; *lizmente* é uma jaculação pura, imediata, em que se aloja sua alegria, sua jubilação, seu gozo. Na ressonância dessa

---

<sup>24</sup> LACAN, J. Função e Campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998, p.292.

<sup>25</sup> LEIRIS, M. Brissures. In: *La règle du jeu*, tome I. Paris, Éd. Gallimard, 1999, p.11.

<sup>26</sup> LEIRIS, M. Brissures. In: *La règle du jeu*, tome I. Paris, Éd. Gallimard, 1999, p.11.

<sup>27</sup> LEIRIS, M. Brissures. In: *La règle du jeu*, tome I. Paris, Éd. Gallimard, 1999, p.12.

palavra se encontra o *sentido gozado*, uma palavra de sua *alíngua* que sustenta a criança e pela qual ela se interessa. A vertente da língua em que *alíngua*, que é ainda uma coisa de si, frequenta com suas ressonâncias a língua própria a cada um. Lacan demonstra que é sobre essa *alíngua* que o psicanalista se assegura da autoridade de sua interpretação, lugar do escutado fora-de-sentido em que se aloja o gozo do sujeito. Lacan faz assim perceber a função da linguagem, que não é de comunicação, mas antes, de gozo: o inconsciente é feito de *alíngua*.

### **A autoridade da língua do sentido comum**

Esse exemplo oferecido pela literatura ilustra isso que, da língua do sentido comum, vem fazer autoridade na *alíngua* de um sujeito. Ainda é preciso insistir sobre a lógica dos três tempos isolados por Leiris e que constituem o coração dos livros reunidos sob o título *A regra do jogo*<sup>28</sup>: de início “alegre interjeição pura [...] coisa minha, nenhuma consciência de seu sentido real”<sup>29</sup>; “vago vocábulo [...] exclamação confusa que escapa de minhas vísceras”<sup>30</sup>, lugar da autoridade de gozo de *alíngua*; em seguida, “me retomaram [...]. A observação põe fim a minha alegria, deixando-me um breve instante embaraçado [...]. E, um instante, eu fico interdito, preso a uma espécie de vertigem”<sup>31</sup>, encontro com aquilo sobre o que se funda a língua e que funda a autoridade do sentido comum; enfim, “coisa partilhada ou socializada [...], movimento de descoberta promovida ao papel de elo de todo um ciclo semântico, participa dessa realidade que é a linguagem de meus irmãos, de minha irmã e aquela de meus pais, um dos elementos constituintes da linguagem”<sup>32</sup>, lugar de consentimento a essa “regra do jogo” que funda toda autoridade autêntica do Outro.

Esses três tempos fazem perceber como, para todo sujeito, a inscrição na língua do sentido comum o orienta: “eis uma iluminação [...] um dilaceramento do véu, uma explosão de verdade”, que faz descobrir que existe um *sentido real da palavra*, uma face que não é de gozo somente, mas que encontra também seu sentido na língua do Outro e que se deve dizer como todo mundo para atingir isso que faz autoridade, ou seja a língua do sentido comum.

---

<sup>28</sup> *A regra do jogo* é um de quatro livros de Michel Leiris: *biffures, fourbis, fibrilles et frêle bruit*.

<sup>29</sup> LEIRIS, M. Brissures. In: *La règle du jeu*, tome I. Paris, Éd. Gallimard, 1999, p.12.

<sup>30</sup> LEIRIS, M. Brissures. In: *La règle du jeu*, tome I. Paris, Éd. Gallimard, 1999, p.12.

<sup>31</sup> LEIRIS, M. Brissures. In: *La règle du jeu*, tome I. Paris, Éd. Gallimard, 1999, p.12.

<sup>32</sup> LEIRIS, M. Brissures. In: *La règle du jeu*, tome I. Paris, Éd. Gallimard, 1999, p.12.

Certamente, vê-se bem aqui como é preciso consentir em ceder uma certa alegria, de evocação e invocação, e mesmo de provocação, para dizer e escrever como todo mundo. A palavra se encontra então inserida “em toda uma seqüência de significações precisas e o que era uma coisa minha se torna socializada.” Inserção já intuitivamente percebida no *escutado antes do sentido*: “E eis que me fez sentir em que a linguagem articulada, teia de minhas relações com os outros, me ultrapassa, lançando de todos os lados suas antenas misteriosas.”<sup>33</sup>

### **Duas autoridades, uma tensão**

A criança usa, inicialmente, de sua *alíngua* para fazer jorrar na palavra seu puro gozo visceral, compreendendo-se bem nesse exemplo como se colocam em tensão a autoridade do gozo lingüístico próprio a cada um e a autoridade do sentido comum. Essa tensão não é evidente na maneira de falar de numerosos jovens da periferia que reivindicam “sua própria língua” — aquela *da autêntica-cidade* — não sem usar da provocação lingüística e cobrando assim que sua posição desrespeitosa seja acolhida com o respeito que eles não receberam do Outro?

Esse respeito, Leiris o testemunha através da posição do adulto a seu lado que, ele mesmo respeitoso da língua comum, o recoloca. Como, em nossos dias, esse respeito à língua mudou ao ponto de não mais fazer autoridade? Como a demanda de respeito dos jovens em seu próprio desrespeito à língua se tornou o nome moderno do que faz sintoma no mal-estar contemporâneo? Em que a língua econômica, capitalista, consumista tornou-se uma avenida de gozo em si mesma, incitando a se desfazer da responsabilidade desse gozo e da maneira de saber fazer aí com ele? Assim, a subversão criadora da língua *hip-hop* aparece como uma das “respostas, afro-americana, a esse consumismo da cultura e à descartabilidade dos indivíduos”<sup>34</sup>. Como não evocar aqui os termos empregados pelo ministro do Interior e a “limpeza com um jato d’água” desses “restos que não são jovens!”<sup>35</sup>.

Para colocar em tensão a autoridade do gozo lingüístico própria a cada um e a autoridade do sentido comum, ainda é necessário que o sentido comum desenhe de maneira diferente o “comum”, não faça disso um território desfeito do laço social e

---

<sup>33</sup> LEIRIS, M. Brissures. In: *La règle du jeu*, tome I. Paris, Éd. Gallimard, 1999, p.12.

<sup>34</sup> GREG, T. Quinze bonnes raisons de croire en l’avenir du *hip hop*. *Art presse*, Territoires du hip hop, hors série, p.94, Dec. 2000.

<sup>35</sup> Discurso do ministro do interior que desencadeou uma violência urbana, em novembro de 2005, nas cidades guetos de onde emergiu o *hip hop* na França, há mais de 20 anos.

simplesmente partilhado entre aqueles que podem ainda ser usados e a vasta descarga daqueles que se rejeita.

Esse deslocamento da autoridade no seio da língua mesma inscreve-se em uma grande mudança da sociedade em que a cultura não cultiva mais a mesma relação com a língua. Está aí a marca mais profunda de toda a confusão na qual o consentimento ao todo do consumo precipitou os sujeitos: a linguagem se torna aí unívoca, privada da marca de gozo próprio a cada um e doente de sua própria surdez. Os movimentos de revolta são as faces de resistência que esses jovens portam do lado da língua de maneira crua, porque, sem dúvida, desde sempre, é aí que se joga para eles essa etapa da vida. De uma certa forma, fazendo assim, eles convocam essa surdez — que seja com violência, eles despertam-na ao modo do golpe certo do encontro, do *lizmente* visceral do pequeno Michel.

### **Autoridade e potência criadora**

Em 1905, uma jovem adolescente, Dora, ensina a Freud que o que lhe interessa, para além da morte de seu pai, é o que isso produz de saber. “Um saber não importa qual, um saber sobre a verdade”<sup>36</sup>, verdade dita aqui da castração. Freud a ajuda a obter esse saber, a título de autoridade do sujeito suposto saber. Ela ensina a Freud que o pai se faz ele mesmo de julgamento simbólico. Considerá-lo deficiente em relação a uma função a qual ele não ocupou faz apenas elevar sua autoridade como “atribuição simbólica”<sup>37</sup>. O pai não é apenas o que ele é, ele é também de toda forma “um título, como *velho combatente* — é o *velho genitor*”<sup>38</sup>, o que vem implicar à palavra pai “alguma coisa que está sempre em potência de criação” e a lhe conferir um papel pivô, sob “este ângulo da potência de criação”. Tomando emprestada a via aberta por Dora, que encontrava no dicionário um substituto ao saber do pai sobre a questão do sexo, os adolescentes modernos encontram um substituto do pai na Net e em outros *gadgets* imediatamente acessíveis, que subvertem a potência de criação normalmente creditada ao pai, e é, dessa maneira, que eles fazem autoridade subversiva, desconhecendo a autoridade que viria da palavra do Outro. Eles estão aí antes tomados pelo uso dos instrumentos de gozo imediato, curto-circuitando a mediação do Outro.

---

<sup>36</sup> LACAN, J. *O seminário*, livro 17, O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

<sup>37</sup> LACAN, J. *O seminário*, livro 17, O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

<sup>38</sup> LACAN, J. *O seminário*, livro 17, O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

A dissolução dos modelos familiares e a evolução do capitalismo cego criam todo tipo de consequências hoje. Paradoxalmente, a função paterna não é a única a suportar a autoridade da qual o declínio parece se generalizar. O sujeito cultiva, então, livremente, a arte e a maneira de denunciá-lo com sua “subversão criadora” em nome dos novos direitos que são o direito ao gozo ou o direito a consumir os objetos que vêm escamotear sua falta.

### **A gulodice do supereu**

Essa coisa, verdadeira fonte do mal-estar em nossa civilização e que reclama sempre *mais ainda* ao sujeito, Lacan chamava “gulodice do supereu”<sup>39</sup>. Aí onde o sujeito não consente mais em se fazer “engolir”<sup>40</sup> pelo Outro da lei se impõe essa terrível gulodice que o precipita em direção a um gozo sem freio, que o consome e que, por um verdadeiro passe de mágica, se torna para ele o que faz autoridade, seu *direito de gozar*.

Essa gulodice, com efeito, tornou-se o que, para alguns, organiza seu universo fechado, onde o pai não aparece mais em posição de modelo, sabendo demonstrar como ele soube se virar em sua vida com sua própria gulodice. A autoridade familiar não constitui mais uma barreira sobre a qual se apoiar, o pai não é mais a exceção organizando uma perspectiva na qual as crianças poderiam perceber uma saída, um *ponto de onde* se veriam amáveis ou mesmo dignos de ser amados ou respeitados. Esse ponto de exceção não está mais no mesmo lugar, para situar sobre o que se funda a autoridade autêntica, quer dizer, o sentimento do respeito do Outro, de sua palavra e de sua presença.

### **Sem ponto de onde**

Esse pai que não encarna mais esse *ponto de onde* as crianças veriam, além dele, uma saída é aquele que Kafka denunciava em sua famosa *Carta ao Pai*, que jamais remeteu a seu destinatário. Kafka se desesperava com o tipo de pai de que ele tinha herdado: “Ele que fazia tão prodigiosamente autoridade a meus olhos não observava ele mesmo os comandos que ele ditava a seu filho”<sup>41</sup>. Esse impossível de uma relação serena com seu pai que se queixava também da sua vida em público e que se lamentava

---

<sup>39</sup> LACAN, J. Televisão. In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

<sup>40</sup> LACADÉE, Ph. *Le malentendu de l'enfant*. Paris, Ed. Payot Lausanne, 2003, p.107-125.

<sup>41</sup> KAFKA, F. *Carta ao pai*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.

sobre si mesmo teve então por consequência “que ele desaprendesse de falar”<sup>42</sup> e, “como perigoso efeito secundário”, habituá-lo “a não levar muito a sério precisamente as coisas que ele deveria ter levado a sério”<sup>43</sup>.

Essa falta de seriedade que toca a Kafka de maneira tão singular não é certamente idêntica àquela que hoje bem frequentemente se atribui à juventude. Freud, em seu texto “O romance familiar do neurótico”, colocava em dia o paradoxo encontrado pelo sujeito em seu crescimento: “ele se desliga da autoridade dos pais, esse é um dos efeitos mais necessários, mas também o mais doloroso do desenvolvimento”<sup>44</sup>.

O inventor do grafite, *Futura 2000*<sup>45</sup>, ilustra de maneira moderna esse efeito doloroso. No momento em que a autoridade paterna lhe faltou, vindo a saber que tinha sido adotado por seus pais, ele descobriu uma sustentação subversiva na invenção escrita de seu novo nome. Esse gênero de escrita lhe permitiu sustentar-se em seu novo *alter ego*, criando-se uma nova identidade: “O grafite me apareceu como o melhor meio de lançar minha nova identidade”. Esse novo nome, *Futura 2000*, escrito em um ramal do metrô, virá a ser seu *ponto de onde*, ele será desde então visto pelo maior número possível.

### **O que é a autoridade?**

Para Lacan, como para Hannah Arendt — em seus textos *Crise da educação* e *O que é a autoridade?*<sup>46</sup> — a autoridade é abordada sob o ângulo da responsabilidade. É isso o que esclarece Mathieu quando explica, no curso de uma conversação no Colégio de Tivoli, no quadro do laboratório, “A aposta da conversação”, a distinção que ele faz entre autoridade autêntica e autoridade autoritária. Com uma palavra justa, ele desloca a tensão que reinava em sua classe, impedindo os professores de exercer sua autoridade: “Na escola, se faria melhor cuidar do físico no lugar da física.”<sup>47</sup> O chiste permite a cada um apreender que não se trata tanto de insuficiência da autoridade dos professores mas que estava em questão antes o fato de saber como se situar frente à diferença

---

<sup>42</sup> KAFKA, F. *Carta ao pai*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.

<sup>43</sup> KAFKA, F. *Carta ao pai*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.

<sup>44</sup> FREUD, S. Romances familiares. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. IX. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p.243-247.

<sup>45</sup> FERNANDO Jr., S. H. *The new beats: culture, musique et attitudes du hip hop*. Nimes: Ed. Kargo, 2000. p.157.

<sup>46</sup> ARENDT, H. A crise na cultura: sua importância social e política. In: \_\_\_\_\_. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

<sup>47</sup> LACADÉE, Ph. Sobre a “Conversação”. In: *Le malentendu de l'enfant*. Paris, Ed. Payot Lausanne, 2003, p.399-411.

sexual. À sua maneira, Mathieu lembra que toda autoridade se funda sobre o escândalo da descoberta, resumida por Lacan em uma só fórmula: *não existe relação sexual*.

Que não se veja, com efeito, que o que sustentava a autoridade, de cuja comodidade se tem saudades, repousava sobre uma ordem social que não tolerava que fosse contestada uma hierarquia entre os sexos, tão cedo “essa precedência de um sobre o outro naufragada”, a dificuldade crescente é de convencer “os dois campos que morrerão separados”, que pode ser mais prazeroso viver ainda juntos. “Diz-se que a chama revolucionária da psicanálise iria se atenuar; a revolução, sim, começa a não ser aí que se colocam os problemas. Posso assegurar uma coisa, seja o que aconteça ao fermento revolucionário da psicanálise, o que existe de atroz nas relações entre homem e mulher não será por isso atenuado”<sup>48</sup>.

### **A singularidade criadora de cada um e a autoridade autêntica**

Einstein mesmo, em suas “Generalidades sobre a escola”<sup>49</sup>, testemunhava o sofrimento que pesou sobre ele até a idade de 15 anos em seu liceu Luitpole Gymnasium, diante de professores autoritários. Impondo a “decoreba” e uma disciplina de ferro, eles eram surdos à “singularidade criadora” de cada aluno. É a partir de sua descoberta, na Suíça, no liceu d’Aaran, de uma escola diferente onde reinava a “solicitude sincera de seus educadores que não se apoiavam jamais sobre uma autoridade exterior”<sup>50</sup>, que ele encontra um lugar para alojar a “subversão criadora” que o animava desde sua tenra infância. Ele herdou um gosto pronunciado pela vida do espírito.

Com Lacan e seguindo Hannah Arendt, poder-se-ia dizer que os pais não estão mais em posição de serem responsáveis pelo mundo que eles oferecem à criança. Eles não são mais, para ela, *o sujeito suposto saber*, como o indicava Hans, mas também Dora a Freud. Nenhum dicionário não virá jamais fazer autoridade sobre o gozo do *fallasser*: somente a maneira pela qual se elaborará para ele, na língua, seu encontro com a castração lhe permitirá situar da boa maneira a questão da autoridade.

A *autoridade autêntica*, atenta ao que faz o desejo do sujeito, não pode se apoiar sobre um poder exterior e impessoal, ela é questão de presença e de saber fazer aí. É

---

<sup>48</sup> LÉGUIL, F. L’heur de l’autorité. *Élucidation*, n.3, Paris, 2002, p.18-21.

<sup>49</sup> EINSTEIN, Albert. Généralités sur l’école. Science, Ethique, Philosophie. In: \_\_\_\_\_. *Oeuvres Choisies*. Paris: Ed. Seuil, 1991. Tome 5, p.205-207.

<sup>50</sup> EINSTEIN, Albert. Généralités sur l’école. Science, Ethique, Philosophie. In: \_\_\_\_\_. *Oeuvres Choisies*. Paris: Ed. Seuil, 1991. Tome 5, p.205-207.

simplesmente dizendo à criança as coisas que a interpretam e que lhe dão o sentimento de que aquele que lhe fala conhece um raio de luz e o demonstra que a criança revestirá o adulto com as vestes da autoridade e do respeito.

Hoje, essa transmissão é mais e mais deixada no chão. Mas, como dizia Lacan, desde 1938, as crianças irão, graças a seu gosto pela *subversão criadora*, buscar além essas perspectivas, e é aí que é grande a responsabilidade ética do discurso da psicanálise. É desse além que eles procuram inventar, na busca “de um lugar e de uma fórmula”<sup>51</sup>, que uma solução surgirá. É ainda necessário que eles tenham a chance de um encontro, aquele de um Outro que saiba “dizer que sim” a seus achados, acusando recepção de sua enunciação ou autenticando “o elemento de novidade que eles portam em si”<sup>52</sup>, o único capaz de fazer autoridade face ao real.

Tradução: Kátia Mariás e Márcia Mezêncio.

---

<sup>51</sup> RIMBAUD, Arthur. Vagabonds. In: \_\_\_\_\_. *Oeuvre-vie*. Ed. Du Centenaire établie par Alain Borer, Arleá, 1991. p.349.

<sup>52</sup> ARENDT, Hannah. A crise na educação. In: \_\_\_\_\_. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2005.